

ULTRAPASSANDO BARREIRAS MIDIÁTICAS: ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA NO SÉTIMO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Anna Maria de Lira Pontes
Mestre (UFPB)
annamaria.lira@gmail.com

Simone da Silva Bezerril
Mestranda (PPGH / UFPB)
nowaysimony@hotmail.com

Este artigo é fruto das reflexões que surgiram durante as aulas referentes ao ensino de história da África. A partir do conhecimento prévio dos alunos sobre a temática em questão, pudemos perceber como a cultura midiática está presente na formação educacional, e essa influência acaba gerando um conhecimento fragmentado, que, por sua vez, permite a constituição de um saber parcial e preconceituoso. Estamos nos referindo ao conteúdo África e todas as implicações ideológicas que o tema abordado pode causar quando os meios de comunicação se apresentam como as principais, quando não as únicas, fontes de informação.

É justamente a partir dessa problemática que iniciamos o presente trabalho, ao nos indagar sobre a importância de se estudar conteúdos cuja temática central seja a África em todas as suas dimensões: territorialidade, sociedade, política, economia e cultura. Nossa problemática, portanto, é a discussão sobre como as aulas acerca da História da África podem contribuir para a construção de um conhecimento mais completo e crítico em relação ao tema em questão.

Com a obrigatoriedade, no Brasil, do ensino de história da África na educação básica, devido à aprovação da lei 10639/03, foi possível detectar algumas deficiências causadas na formação do conhecimento do aluno em virtude da até então ausência da disciplina nos currículos escolares.

Assim, pôde-se verificar as lacunas deixadas com a não abordagem da temática acerca da história e da cultura africana na sala de aula, pois os alunos parecem não conhecer e muito menos distinguir, por exemplo, a África enquanto continente ou país.

Essa realidade escolar torna-se ainda mais grave ao se constatar que os únicos referenciais sobre a África adquiridos pelos alunos são provenientes do universo

mediático. Ou seja, o que é conhecido sobre o continente africano perpassa, principalmente, pelas veiculações televisivas.

Desse modo, não é de se estranhar que se faça presente no imaginário dos alunos uma visão única e fragmentada quando o assunto é o continente africano, pois só conhecem a África construída pelos meios de comunicação.

As principais imagens que aparecem na televisão sobre o continente africano são de miséria, fome, atraso. Além disso, o continente é mostrado de forma homogeneia, como se naquele imenso espaço territorial não coexistissem uma diversidade de etnias, dialetos, grupos políticos e culturais.

Assim, o olhar por um único ângulo implica em uma série de questões ou problemáticas. Não conhecer pressupõe ignorar e formar um preconceito em relação a um povo e a uma cultura. Por sua vez, essa condição dá suporte para a proliferação de atitudes racistas, principalmente, contra os negros.

As idéias que se reproduzem na mente dos alunos acabam sendo condicionadas pelas informações que circulam na mídia, como ressalta o historiador Anderson Ribeiro Oliva.

Para ser mais claro: excluindo um seletivo grupo de intelectuais e pesquisadores, uma parcela dos afrodescendentes e pessoas iluminadas pelas noções do relativismo cultural, nós, brasileiros, tratamos a África de forma preconceituosa. Reproduzimos em nossas idéias as notícias que circulam pela mídia, e que revelam um Continente marcado pelas misérias, guerras étnicas, instabilidade política, AIDS, fome e falência econômica (OLIVA, 2003, p. 431).

O imaginário coletivo acerca da África é alimentado pelas memórias midiáticas, cujas representações são caracterizadas por fragmentações da realidade. Segundo o teórico francês Maurice Mouillaud (2002), a mídia, em especial os jornais, dá forma e sentido ao mundo. Desse modo, como salienta o historiador Oliva, se não houver um ensino de qualidade nas escolas e nas universidades, o imaginário social continuará refém das distorções impostas pelas mídias.

A falta de referências imagéticas positivas, a pequena atenção dedicada ao continente nas salas de aula brasileiras e até mesmo nos bancos universitários e a divulgação contínua pelos mass media e pela indústria audiovisual (incluindo-se aí as produções cinematográficas) de cenários de um mundo em flagelo contribuem decisivamente para que essa percepção seja preservada (OLIVA, 2008, p.177).

Em outras palavras, podemos dizer que antes de veicular um assunto ou um fato, a mídia seleciona não só sobre o que vai relatar, mas, principalmente, como será construído esse relato. Por isso, a necessidade de ter uma visão crítica acerca do que é noticiado, pois essas veiculações são norteadas por fatores sociais, políticos e culturais.

Assim, parece que as distorções representativas, condicionadas pela escolha de certos ângulos de interesse, são características inerentes aos meios de comunicação. Nesta direção, Oliva chama atenção para o fato de que:

Se continuarmos a reproduzir essas leituras distorcidas, é muito provável que o imaginário de nossas futuras gerações sobre a África não sofra modificações significativas. Neste caso, o papel das escolas é de fundamental importância. Se não mudarmos os textos explicativos acerca da História da África, tal tarefa se tornará praticamente impossível de ser bem sucedida e a África continuará a ser pensada como um espaço mítico ou simplesmente rejeitado e desconhecido, seja pela construção de identidade brasileira, seja pelas nossas referências mentais (OLIVA, 2008, p. 177).

Além do material didático sobre o tema, que, de fato, precisa de aprimoramentos em torno de uma reflexão cada vez mais ampla, deve-se buscar também a análise sobre a maneira como já são elaborados os conteúdos no cotidiano de sala de aula.

Ora, no debate entre alunos (as) e professores, é possível a construção de novas reflexões e posicionamentos sobre o continente. Tomando por base a experiência em três salas de sétimo ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública estadual, com aproximadamente 35 alunos assíduos em cada, localizada no bairro do Conjunto Ceará II, Fortaleza, Ceará, levantamos alguns questionamentos e, talvez, contribuições para a temática.

Neste ano letivo, a África foi tratada através de dois reinos - Mali e Congo -, a partir de suas principais características, transformações ao longo do tempo e, por fim, o contato com os portugueses (momento em que o capítulo no livro didático encerra-se).

No início do conteúdo, foi solicitado aos alunos que escrevessem uma redação rápida sobre o que pensavam acerca do continente africano. Os temas giraram em torno da fome e da miséria.

Numa tentativa de virar este quadro, foi pedido, como uma forma de trabalho extra, que fizessem uma pesquisa sobre pelo menos um país africano. Neste momento, foram curiosas as reações, afinal, alguns alunos descobriram que a África não era um país. Ainda mais, fizeram ligações do continente com incursões televisivas, como a

Copa do Mundo de 2010, a música “Waka Waka”, da cantora Shakira, tema do evento anterior, e, entre outros, o filme “Madagascar”.

Após o conteúdo específico ser explicado em sala, os reinos do Mali e do Congo, foi pensada mais uma atividade que perpassasse o tema. Enquanto avaliação bimestral, tomamos dois livros sobre cultura afro-brasileira e pedimos que os alunos, em duplas, pesquisassem sobre uma herança africana que pudessem perceber no Brasil e no Mundo e dissertassem sobre o assunto, sendo as pesquisas, posteriormente, apresentadas para a turma. Tais temas poderiam incluir os reinos pesquisados, como também todas as temáticas existentes nos outros livros de pesquisa.

De temáticas consideradas interessantes a todos, como o samba e a capoeira, a escolha da maioria dos alunos voltou-se para temas mais polêmicos, tais como: escravidão, preconceito e racismo. E, ao serem questionados sobre o racismo no Brasil, todos os alunos concordaram na existência do mesmo e compartilharam algumas experiências em que o presenciaram.

A escolha pelos temas, acima, pode ser considerada comum quando entendida no âmbito de toda uma herança simbólica acerca da exploração do continente, em que, conforme o pensamento de Wedderburn, gira sob uma “repercussão negativa” advinda dos séculos em que o continente ficou sob o estigma da escravidão:

A singularidade do continente africano que teve a maior repercussão negativa sobre o seu destino, determinando o que é a África de hoje, foi a de ter sido o primeiro e único lugar do planeta onde seres humanos foram submetidos à experiência sistemática de escravidão racial e de tráfico humano transoceânico em grande escala. As deportações violentas de africanos foram metodicamente organizadas, primeiro, pelos árabes do Oriente Médio, desde 800 d.C. até o século XIX, com ampla participação dos iranianos, persas e turcos. A partir de 1500 até a segunda metade do século XIX, foram os povos da Europa ocidental quem protagonizaram o tráfico negreiro, através do oceano Atlântico. (WEDDERBURN, 2005, p. 9-10)

Apesar de todas as riquezas percebidas na África, boa parte dos alunos escolheu uma temática de sua convivência. Contudo, ao mesmo tempo, também foram surpreendidos ao saberem que alguns costumes praticados pela maioria da população no país são de origem africana, como o fato de usar branco nas festividades do dia 31 de dezembro (ano novo).

Apesar de não comentarmos muito sobre o tema “racismo”, a maioria o escolheu para debater. E o diálogo mostrou-se interessante para perceber que o preconceito vive entre nós e que devemos combatê-lo.

A escolha de uma estratégia de ensino enriquecedora para todos perpassa pela exposição do conteúdo de História da África que possibilite mostrar o continente em sua complexidade, sem generalizações. Em adição ao diálogo, uma ferramenta que pode vir a informar mais são vídeos e imagens sobre as existências de cidades e regiões diferentes localizadas no continente. E, deste modo, acredita-se que o conhecimento em torno da África também pode funcionar como um meio de acabar com preconceitos e visões negativas em relação à África, cujo território abrange países recheados de contrastes, tradições, costumes e riquezas.

Ora, através do diálogo com as turmas, foi possível absorver parte do pensamento de Wedderburn, ao expressar que:

O chamado continente negro - ainda que nenhum historiador tenha se referido à Europa como continente branco ou à Ásia como o continente amarelo - foi transformado, durante um período de um milênio, num verdadeiro terreno de caça humana e de carnificina. O impacto negativo cumulativo dessa realidade sobre o desenvolvimento econômico, tecnológico, político, demográfico, cultural e psicológico dos povos africanos está ainda por ser determinado. Mas as complexas interconexões existentes entre as singularidades apresentadas e a visão depreciativa que permeia tudo o que se refere à herança histórica e cultural dos povos africanos começam já a aparecer. (WEDDERBURN 2005, p. 9-10)

Entre tais conexões que compõem uma visão de África, vale a tentativa de se estabelecer, em contrapartida, as diversas visões possíveis acerca do continente – ao ser ressaltadas questões sociais, ambientais, guerras, problemas e, entre outros, seus sucessos. Ora, o continente é complexo demais para ser generalizado.

O questionamento dos apontamentos em sala de aula tem proporções que nenhum professor consegue planejar. Sobre este tema, considera-se importante para despertar um ensino crítico, uma troca de experiências com os alunos, buscando compreender o continente em suas riquezas e problemas e, ainda mais, com a interligação entre a História do Brasil e vivência dos próprios alunos.

A linha divisória que divide o ensino crítico, então, é permeada pela atenção que é conferida, para além do aspecto negativo, às resistências e as forças contrárias a um determinado *status quo*. Ao falarmos sobre racismo, também podemos falar sobre as

leis estabelecidas para combatê-lo e, ainda mais, sobre a atuação dos movimentos sociais pelo fim do preconceito. Além disso, em relação às políticas públicas, entre as sociais e as compensatórias, por que não tratá-las com alunos de sétimo ano se eles mesmos já tiveram que passar pelo racismo? O conhecimento pode tornar-se, neste ponto, crítica. Esta, por sua vez, torna-se uma questão social.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, também é possível captar o ensino sobre África de modo integrado aos demais temas da história brasileira. Ora, o que motivou o contato dos portugueses com povos africanos em pleno século XV. Apesar de a escravidão ser um tema do oitavo ano do ensino fundamental, ela já pode ser iniciada neste momento como uma forma de estimular o posicionamento crítico do aluno, colocando-o a par da nova historiografia sobre a escravidão, na qual o escravizado é abordado como sujeito de sua história, tendo sido capaz de desenvolver táticas que lhe permitissem viver melhor, ou de forma possível, em um sistema que deixava poucas alternativas.

Como a formação educacional dos alunos perpassa por vários setores da sociedade, não apenas pela escola, é preciso ficar atento para as implicações que a influência midiática pode causar no imaginário social, pois as informações veiculadas pelos meios de comunicação são apresentadas como verdades absolutas. É fundamental que haja uma postura crítica em relação aos produtos midiáticos de uma forma geral, e neste rol incluem-se não só os eventos esportivos ou as notícias jornalísticas, mas toda uma série de produções, tais como: telenovelas e, principalmente, minisséries, cujas temáticas sempre perpassam pelo histórico.

Por fim, uma forma de resistência à cultura da mídia, no sentido de dispor de conhecimento crítico que possibilite ver a realidade a partir de vários ângulos e vertentes, se dá por meio de um ensino de qualidade, cuja finalidade seja não apenas levar o conhecimento ao aluno, mas, sobretudo, estabelecer o diálogo e instigá-lo a refletir sobre o mundo. No caso da África, abordando-a em seus complexos e diversos aspectos.

Este trabalho pode ser visto, então, como uma iniciativa de perceber, junto ao conhecimento prévio do alunado, como a mídia tem uma participação significativa na constituição do conhecimento do aluno. Por outro lado, embora os veículos popularizem o saber, estes suportes acabam distorcendo realidades, em diversos pontos, pois se

pautam por construções simbólicas e ideológicas determinadas por um lugar social, econômico e historicamente condicionado.

Acreditamos, assim, que a introdução de uma disciplina que tenha como foco central a temática africana e cultura afro-brasileira possibilita não apenas detectar as lacunas deixadas pela ausência desse debate na sala de aula, mas permite contribuir para o desenvolvimento de um ensino pautado no diálogo. Portanto, tendo como ponto de partida a vivência dos alunos, suas formas de se relacionar com o meio social onde se encontram inseridos e as influências sofridas com as veiculações midiáticas, objetiva-se contribuir para a eficácia de uma disciplina que tem papel fundamental na formação da cidadania, pois falar de África é se reportar não só às questões territoriais, mas, principalmente, é se voltar para assuntos diversos e contemporâneos, tais como: etnia, preconceito, humanidade, democracia, igualdade e justiça.

Dessa maneira, esta reflexão sobre a relação entre mídia e ensino de história da África faz parte de um projeto ainda em etapa inicial, cuja finalidade é utilizar a mídia como recurso de ensino, ao se exhibir filmes e documentários em sala de aula, e, ao mesmo tempo, chamar a atenção dos alunos para a existência de um mundo mais complexo do que aquele que eles vêem na televisão. Demonstrar, assim, a diversidade e a riqueza da África torna-se uma tarefa fundamental mediante ao fato de que vivemos em uma sociedade onde o racismo ainda se faz presente.

A partir do momento em que os alunos passam a vislumbrar o continente africano não só como o berço da humanidade, mas também como um território de uma gente que muito influenciou na formação de nossa história e cultura, por meio da música, da dança, da culinária e na introdução de muitas palavras de origem africana no nosso vocabulário, passam, sobretudo, a entender e olhar para o continente com outras referências, que não mais aquelas estereotipadas, que são mostradas pela tela da televisão.

É dessa forma que pretendemos direcionar o ensino de História da África, sendo nosso objetivo levar esse projeto adiante, buscando novas metodologias para trabalhar com a temática. Assim, procurar despertar nos alunos o interesse pela pesquisa, pela busca de conhecimento, é contribuir para que as visões negativas sobre a África, que a mídia televisiva veicula em seus telejornais, tornem-se críticas. E, que o aluno possa, por si próprio, estabelecer relações em torno da África tendo como base seu cotidiano.

Portanto, para além das transmissões fragmentadas e generalizantes, buscamos o plural. O continente das etnias, das culturas, da resistência. Não estamos, aqui, pretendendo negar que existam problemáticas naquele continente, desejamos, sim, através de um ensino centrado no debate, demonstrar que o lugar também é portador de múltiplas realidades.

REFERÊNCIAS

MOUILLAUD, Maurice. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In.: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell. *O jornal. Da forma ao sentido*. Brasília: UnB, 2002, p. 49-83.

OLIVA, Anderson Ribeiro . *A História da África nos Bancos Escolares: Representações e imprecisões na literatura didática. Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, 2003, p. 322-358. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/ea/v25n3/a03v25n3.pdf>>. Acesso em 30 de outubro de 2011.

_____. *Notícias sobre a África: representações do continente africano na revista VEJA (1991-2006). Revista Afro-Ásia: UFBA*, v. 38, 2008, p. 141-178. Disponível em: <http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia38_pp141_178_oliva.pdf>. Acesso em: 31 de outubro de 2011.

WEDDERBURN, Carlos Moore. *Novas bases para o ensino da História da África no Brasil: considerações preliminares*. 2005. Disponível em: <http://www.forumafrika.com.br/NOVAS%20BASES%20PARA%20O%20ENSINO%20_DEFINITIVO%20para%20MEC_11%20abril_1_.pdf>. Acesso em: 03 de novembro de 2011.